

TERRAE (IN)COGNITAE

Terrae (in)cognitae

Márcia Siqueira de Carvalho¹

RESUMO

A imaginação, a concepção do mundo e os seus limites, formaram a base das representações cartográficas sobre as terras conhecidas e desconhecidas. Essa cartografia não raro lidou com terras desconhecidas e inexistentes utilizando os recursos da Filosofia e da Literatura e produziu mapas que, por sua vez, foram reproduzidos e serviram de base para o conhecimento geográfico. As criações literárias a partir de viagens marítimas, como são definidos os périplos, encaixavam-se num formato de mundo cujos limites eram as águas do Oceano que envolviam as massas de terras. Essas terras, além dos limites litorâneos, deram margem ao preenchimento do desconhecido com elementos presentes na literatura. Nas massas de água estavam localizadas ilhas imaginárias cujos nomes foram atribuídos a ilhas reais quando encontradas por navegadores. É nesse contexto que os mapas precedem a realidade.

Palavras-chave: Representações cartográficas. Périplos. Ilhas imaginárias.

ABSTRACT

The imagination and the conception of the world and its limits are the base for cartographic representations about the known and unknown lands. This cartography often dealt with unknown and not existing lands through the lens of philosophy and literature and helped to produce maps that in turn were reproduced and served as basis for geographical knowledge. Literary creations based on maritime voyages – the way peripli are defined – fit into a form of the world whose limits were the waters of the ocean that surrounded the land masses. These lands, going beyond the limits of the coast, opened space for the filling of the unknown with elements that were presented in literature. In the water masses were placed imaginary islands whose names were attributed to real ones when discovered by navigators. In this context, the maps precede reality.

Key words: Cartographic representations. Periplus. Imaginary islands.

¹ Professora Associada do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL). marcar@uel.br.
✉ Centro de Ciências Exatas, Campus Universitário, Londrina, PR. 86051-990.



*A ciência da Cartografia
floresceu primeira no mar*

Daniel J. Boorstin

Será que podemos repetir Baudrillard, inspirado em fragmentos de Jorge Luis Borges, de que de hoje em diante, o mapa precede o território? A resposta dada por King (1996) considera que apesar do mapa ser um produto do território, como geralmente se entende, vindo apenas **depois** tanto temporalmente quanto conceitualmente, ele pode não ser único. Isso porque o debate tem privilegiado muito mais o mapa do que o território. Porém, o mapa é mais do que uma representação passiva do território (KING, 1996, p. 1-2, 4).

Antes é necessário responder algumas perguntas, entre elas, quais as concepções de mundo que estiveram na cabeça das pessoas e dos cartógrafos em cada momento histórico. Há muitos tipos de mapas e eles representam lugares concretos e lugares imaginários e imaginados. Como são representações, eles nem sempre reproduziram apenas os territórios. Houve neles a incorporação de imagens e lugares não existentes, assim como dos povos e das criaturas que se acreditavam reais – *terrae incognitae* da imaginação humana. A antecendência não parte do território, mas da imaginação e concepção de mundo na construção se tratamos de uma perspectiva histórica da Cartografia.

Mapa é poder, é conhecimento, além de ser uma representação. Porém, se incluirmos nessa discussão os mapas dos lugares não concretos, teremos a cartografia das utopias. Alguns gêneros literários criaram cidades com um detalhamento que possibilitou a construção da sua representação espacial, e as mais antigas terminaram por entrar em mapas que tinham como objetivo reduzir o mundo existente em várias folhas de pergaminho.

OS LIMITES

A Cartografia e a Geografia não nasceram juntas e a história da primeira antecede a da segunda. Ambas não prescindiram da filosofia nem da literatura:

Os gregos nos períodos arcaico e clássico, da mesma maneira, não tinham palavras que correspondessem à nossa "Geografia"; nem o nome Geographia nem o verbo do qual ele deriva surgiu antes de Eratóstenes de Cirene, isto é, antes do século III a.C. Naquela época, o estudo da Terra já tinha se transformado numa ciência exata, capaz, por exemplo, de medir a circunferência do globo com um alto grau de exatidão. O que o filósofo Anaximandro fez quatro séculos antes ao esboçar o primeiro mapa-múndi conhecido pode ser considerado como um ramo da physiologia ou ciência natural por seus contemporâneos; similarmente o maior registro de viagens e de povos, composto por Hecateus, e diários de navegantes como os de Scilax e Euthimenes foram considerados derivados de história, como atestou o seu uso por Heródoto. E as lendas das terras remotas, presentes nos trabalhos de Homero e Hesíodo, independente dos conteúdos científicos ou factuais, podem ser somente caracterizadas como *muthoi*, uma palavra cujo contexto inclui o significado de "mito", "fábula" e "ficção".

Foi dessa mistura de diversas fontes – cosmografia e filosofia natural, diários de viagem e contos de viagem, e, sobretudo, poesia épica – que os gregos antigos formaram suas noções sobre a forma da terra (ROMM, 1992, p. 9-10).

A discussão filosófica feita por Anaximandro que chegou até nós por Aristóteles traz a noção de uma terra sem limites, "ilimitada" em termos de extensão espacial ou de não diferenciação interna ou ambos. Não restaram senão fragmentos de sua obra. O que teria sido o seu mapa podemos somente imaginar através de Heródoto que o descreveu como circular, circundado pelo Rio Oceano com o Mar Mediterrâneo no centro. Dividia as terras em duas: Europa ao norte e a Ásia ao sul e o

Terrae (In)cognitae
Márcia Siqueira de Carvalho

mundo conhecido (ecúmeno) se restringia a dois pequenos trechos ao sul e ao norte do Mar Mediterrâneo – parte das atuais Espanha, Itália, Grécia e Ásia Menor de um lado e a Palestina, Assíria, Pérsia e Arábia de outro. Já estavam então presentes dois grandes mitos geográficos que se tornariam correntes através dos séculos como os povos míticos das ilhas situadas ao norte da Europa (e limites do ecúmeno) e os habitantes das terras do sul com a sua pele escura, queimada pelo sol.

A terra “sem limites” ainda tinha de receber fronteiras antes que se tornasse inteligível. E para os gregos antigos, que ainda não conheciam a verdadeira extensão de qualquer de um dos três continentes dentro da sua percepção, essa separação da terra de um espaço infinito foi feita simplesmente por decidir que, não importando a direção da viagem, a terra deveria eventualmente terminar e as águas começar (ROMM, 1992, p. 12). Os “limites” do mundo eram as águas do Oceano.

Podemos atribuir a este fato uma importância singular às possibilidades de périplos e viagens em busca de outras terras. Caso contrário, na concepção de um mundo “fechado” sem mares para a circunavegação, não existiria a idéia da possibilidade, a sua realização e as informações sobre outras regiões a serem referidas e cartografadas.

Homero e Hesíodo contribuíram indiretamente para a construção do que seria o mundo antigo e, de certo modo, o medieval. As “fronteiras” foram uma construção puramente imaginativa e concebida apenas em termos vagos como os limites físicos da terra e o limite do mundo humano. O esquema de uma massa de terra circundada por um oceano circular tornou-se uma característica impregnada da visão de mundo da Grécia antiga, dominando tanto a literatura quanto as representações visuais. Dois exemplos literários do período épico são o *Escudo de Aquiles* na “Ilíada” e o *Escudo de Hércules* no poema “Escudo de Hesíodo” (ROMM, 1992, p. 13). Em ambos o mundo é redondo, seu

formato é semelhante a um escudo e envolvido pelo Oceano na sua borda mais extrema.

Além das imagens e representações sobre a terra, os mares e seus limites das epopéias, os relatos de viagens (périplos) na literatura grega antiga tiveram uma grande contribuição na concepção do mundo e, conseqüentemente, nas suas representações gráficas.

PÉRIPILOS

Os périplos mais importantes foram os do Pseudo Scílax, o de Hanão, o do Mar Eritreu e o do mar exterior oriental e ocidental (Marciano de Heraclea). Deixaremos de fora este último na presente descrição. Desconhecemos a tradução destas obras na língua portuguesa e acessível, daí nosso interesse em traduzir ou citar pequenos trechos neste artigo. Independente se os périplos foram fruto de viagens reais ou da especulação, neles estão reunidas impressões que como restos de um naufrágio darão às costas em lugares e momentos distantes da sua ocorrência. Destacamos que a maioria destas obras obedecia aos padrões esquemáticos tradicionais da literatura grega que utilizava mitos e modelos de representação de mundo que lhes eram próprios.

O mais antigo foi atribuído ao almirante grego Scílax de Carianda que teria navegado pelas costas do Oceano Índico por ordem do rei persa Dario I no último quarto do século VI a. C. (BOORSTIN, 1997, p. 151). A “navegação” desta obra através dos séculos recebeu contribuições e se transformou num gênero literário com forte influência do exótico e com curiosidades, deixando de lado informações mais objetivas como a direção dos ventos e lugares adequados para as paradas necessárias. As informações sobre os povos residentes no interior das terras em vez da menção das jornadas da navegação estavam mais de acordo

com a literatura etnográfico-histórica que começava a se desenvolver em fins do século VI e no começo do século V a.C.

Desde o título, **Périplo do mar junto às costas habitadas da Europa, Ásia e Líbia**, a tarefa se mostra hercúlea. O norte da África entre o Egito e a Marmárica era conhecido como Líbia, mas também era assim que os gregos denominavam o continente africano de maneira geral. O Ponto Euxino era o nome do atual Mar Negro e ao Lago Meótides é o atual Mar de Azov. O rio Borístenes é o atual Dnieper.

O périplo se iniciou pelas Colunas de Hércules, modernamente conhecidas como o Estreito de Gibraltar, até os Etíopes. Eles já eram descritos por Homero como um povo querido pelos deuses com quem compartilhava os banquetes e estava situado no ponto extremo dos limites orientais e meridionais do ecúmeno (MORENO; ESPELOZIN, 1996 p. 43). Este mito será associado mais tarde ao reino de Preste João pelos portugueses, historicamente um aliado dos reinos cristãos da Europa ocidental frente aos muçulmanos. No Mar Mediterrâneo a descrição das cidades, ilhas e outros acidentes geográficos obedeceu ao sentido horário pelas costas ibéricas, francesas, italianas, albanesas e gregas até os confins do Mar Egeu. Os limites da Europa eram definidos pelo Mar de Azov (Lago Meótides), o rio Don (Tanais) e o Phasis (Fasis). Na entrada na Ásia pelo rio Tanais encontrava-se o povo dos saurômatas, governado por mulheres e próximo do rio Termodonte e da cidade de Temiscira, parte do país lendário das Amazonas. Elas vão sucessivamente se deslocando para lugares mais remotos no interior na medida em que o conhecimento geográfico incorporava estas regiões. Viajando na imaginação e na crença de sua existência, as Amazonas, no século XVI, estavam presentes na margem esquerda do rio Amazonas no mapa do cartógrafo flamengo Judocus Hondius, transferidas do continente Asiático para o americano. Porém não

iremos repetir Solino e destacar apenas o que ficou de lendas e mitos. A enumeração das cidades, principalmente daquelas que foram colônias gregas, davam a orientação necessária sobre o que existia nos lugares afastados (rios e portos), mas do ponto de vista do litoral. Na descrição da Líbia (que começaria na foz do Nilo) há a referência às Hespérides, ninfas guardiãs do famoso jardim dos pomos de ouro. Sendo uma paisagem mítica, situava-se geralmente no extremo ocidente onde Hércules deveria chegar para realizar todos os seus trabalhos, porém no Périplo Pseudo Scílix ocorre uma junção de imagens míticas entre a riqueza da Líbia e os jardins das Hespérides e as maçãs douradas e deslocadas para a cidade grega de Cirene. Após a descrição de Cartago, o périplo chega até Gadir, então nome da cidade fenícia Gades que ainda se localizava numa ilha. A “coluna” localizada na atual Calpe estava classificada na Líbia, o que nos dá a entender que a área dominada pelos cartagineses em área da África e da Europa foi um possível critério nessa regionalização, envolvendo os lugares em torno do atual estreito de Gibraltar. Para além das colunas há a referência à ilha Cerne, situada nos confins do mundo, e o começo de um mar de águas pouco profundas, com a existência de lama e algas:

Todo el viaje desde las columnas de Hércules hasta las islas Cerne lleva doce días. No se puede navegar allá de la isla de Cerne a causa de los bajíos, el lodo y las algas. Estas últimas tienen el tamaño de la palma de una mano, y sus puntas son aliladas y pincham” (BOORSTIN, 1997, p. 151).

O Périplo de Hanão (Hanno) é considerado por muitos uma fabulação e não um documento narrativo de uma navegação ocorrida no século V a.C. Além das imagens fabulosas, há a existência de um regime de ventos e correntes marinhas nas costas ocidentais da África que dificultariam consideravelmente a viagem de retorno pela mesma

Terrae (In)cognitae
Márcia Siqueira de Carvalho

rota de ida (MORENO; ESPELOZIN, 1996, p. 107-108). Considerá-lo uma versão grega do texto original púnico que o próprio Hanão, navegante cartaginês, mandou inscrever numa pedra, consagrada ao templo de Cronos em Cartago, significa entendermos essas inserções. A presença de mulheres na expedição exploratória pode nos indicar mais um modelo literário mítico do que um relato de navegação. A descrição de povos selvagens, como os trogloditas, e a afirmação logo no início de que os barcos seguiram além da ilha mítica de Cerne, esta significando os confins ocidentais do mundo, somadas à descrição de um rio enorme no Atlântico mas com fauna própria do rio Nilo (crocodilos e hipopótamos), já oferecem uma amostra de um gênero literário com referências passíveis de dúvida em relação ao real. A originalidade, entretanto, deve-se à descrição de uma ilha coberta de uma floresta exuberante onde foram acesas muitas fogueiras à noite e de onde se escutavam gritos e sons de tambores e címbalos. Ou de uma terra quente e perfumada de onde escorriam “correntes de fogo” até o mar, impedindo a aproximação dos navios. A viagem prosseguiu até o ponto extremo – o golfo do Corno Sul – muito adequada aos relatos que os gregos tinham da África e do local de encontro dos “gorilas”. As mulheres, maioria neste povo, foram descritas tendo o corpo muito peludo e há o relato de que três delas foram capturadas após arranhões e mordidas e suas peles levadas a Cartago (MORENO; ESPELOZIN, 1996, p. 121). Estas características reunidas tiveram um apreço singular por parte dos copistas que as incorporaram em boa parte do gênero de “literatura de viagens”, pela referência a este périplo por Plínio o Velho (29 a 79) em “História Natural”. O que podemos avaliar deste périplo é a influência acerca das características “maravilhosas” que passaram a fazer parte do imaginário da época e que foram adiante no tempo.

O terceiro périplo brevemente descrito – “Périplo do Mar Eritreu” (Vermelho) – não apresenta as características tão discutíveis quanto

o anterior. Chegou íntegro aos nossos dias. Seu autor, embora desconhecido, foi um comerciante grego do Egito que descreveu boas informações sobre o comércio realizado pelo império romano com a costa oriental da África, a Península Arábica e a Índia (MORENO; ESPELOZIN, 1996, p. 278). Sua data é aproximada, entre os anos 40 e 70 da nossa era. Não devemos confundir esta obra com outra de nome parecido – “Sobre o Mar Eritreu” -, de autoria de Agatárquides de Cnido, também um périplo. O périplo do Mar Eritreu descreve duas rotas de comércio. A primeira partia do Mar Vermelho até, estima-se, a atual cidade de Dar-el-Salam, capital da Tanzânia. A segunda direcionou-se à Arábia e à Índia, com escalas nos portos da costa sul da península arábica (atual Aden) e regiões no noroeste da Índia (vizinhança de Bombaim) e no sul na costa do Malabar (MORENO; ESPELOZIN, 1996, p. 279).

O trabalho é bastante detalhista na descrição. Traz informações dos artigos comercializados de cada cidade visitada e, por vezes, das rotas do interior como, por exemplo, a rota do marfim do reino de Axum. Nas observações sobre as condições de navegação e períodos mais favoráveis já há clara indicação de conhecimento do regime de ventos de monções:

De la misma forma también desde el interior de Arisca [região da Índia Occidental] hierro indio y acero y túnicas de lino indias, la más ancha, la llamada “monaca” y la “sanmatogema”, cinturones, guanacas, telas de color malva, finos tejidos de lino en cantidad reducida y laca de color. Se exporta desde estas regiones marfil, conchas de tortuga y cuernos de rinoceronte. La mayor parte de los productos de Egipto se exportan hasta esta factoría desde el mes de enero hasta septiembre, lo que equivale desde Tybi a Thot; la estación más apropiada para salir de Egipto es en torno al mes de septiembre. (MORENO; ESPELOZIN, 1996, p. 289).

A cidade de Muza, entreposto comercial importante, é um ponto de trocas dos mais diversos produtos. Embora sem ter um porto, oferecia

aos navegadores e comerciantes pontos de ancoragem numa região de bancos de areia. Os produtos lá comerciados são inúmeros:

Tejidos de púrpura excelentes y ordinários, túnicas árabes provistas de mangas, sencillas, com los adornos comunes, a cuadros o com bordados em oro, azafrán, "cipero" [espécie de junco], tejidos de lana, "bolas", mantas em cantidades limitadas, sencillas y com adornos locales, cinturones com tiras oscuras, perfumes em cantidad moderada, dinero em montante suficiente, vino y grano em reducidas proporciones; pues el país produce trigo em proporciones moderadas y vino em cantidades mayores. Al rey y al gobernador le hacen entrega de caballos, mulas de carga, vajillas de oro, vajillas de plata realizada em relieve, caros vestidos y utensilios de bronce. Se exporta desde ella productos locales, mirra selecta y "estacte" [azeite de mirra], la abiria y la minea (variedades de mirra), mármol blanco y todas las demás mercancías antes mencionadas desde el otro lado, de Adúlie. La estación mas adecuada para navegar hacia ella es en torno al mes de Septiembre, que es Thot, pero nada impiede que se haga mucho antes (MORENO; ESPELOZIN, 1996, p. 299-300).

A descrição da Arábia Feliz não poderia ser mais adequada à região localizada nas costas do Mar Índico. Mesclando informações de dias de jornada entre uma cidade a outra e produtos e condições de comércio, o autor deste périplo pode ser considerado uma espécie de proto-Marco Pólo.

ILHAS IMAGINÁRIAS

As ilhas eram os pontos em que as esperanças dos marinheiros eram renovadas quanto à manutenção da vida e o provável retorno desde o Oceano desconhecido. As considerações sobre elas são baseadas na obra de referência ao assunto – "Legendary Islands of the Atlantic" – de William H. Babcock, subintitulada como um estudo da geografia medieval, originalmente publicada em 1922 e republicada

em 1975 e 2002. Das várias ilhas imaginárias analisadas – Atlântida, a de São Brandão, a do Brazil, a das Sete Cidades, Mayda, Groenlândia (*Greenland*), Terra Nova, Estotilândia, Antíilha, Corvo entre outras –, algumas passaram a ter uma existência real com a descoberta de terras e ilhas reais com os descobrimentos e viagens mais assíduas. Independente disso, partes delas foram cartografadas em pelo menos três mapas: o de Albino de Canepa (1489)², o de Petrus Roselli (1466) e a Carta Náutica de 1424.

A mais antiga – Atlântida – foi difundida através da narrativa de Platão, 400 anos antes de Cristo, e influenciou na criação de ilhas lendárias no Atlântico. O tema trata de um império populoso residente na ilha e que nove mil anos antes guerreara contra a cidade de Atenas e que foi atingido por um cataclismo natural, desaparecendo sob as águas. A história foi sendo transmitida oralmente e recebeu lugar de modo narrativo nos livros sagrados dos egípcios do Delta do Nilo, através dos quais chegou a Sólon em torno do ano 550 antes de Cristo. Por ele foi transformado em poema que chegou até nós e é conhecido por Dropides, seu amigo. (BABCOCK, 2002, p. 10). A referência à forma e à localização de Atlântida que também foi feita por Crítias nos revela uma guerra que teria acontecido entre as nações do outro lado das colunas de Hércules (atlantes) e as nações mediterrâneas (atenienses). Em "Timeus", o estreito de Gibraltar (as Colunas de Hércules) significava a fronteira entre o conhecido e o desconhecido, o limite além do qual existia

uma ilha maior do que a Líbia e até mesmo a Ásia. A partir desta ilha pode-se facilmente chegar às outras, e delas ao continente que envolve o mar interior [...]. Na ilha de Atlântida vivem reis de assombroso poder. Eles têm a ilha inteira sob seu domínio,

² Disponível em: <<https://www.lib.umn.edu/apps/bell/map/PORTO/CAN/index89.html>> e, com mais detalhes, em: <<https://www.lib.umn.edu/apps/bell/map/PORTO/CAN/canepa.html>>. Acesso em: 13 mai. 2013

assim como outras ilhas e algumas partes do continente. Além disso, no lado mais próximo do estreito eles ainda dominavam da Líbia até o Egito e a Europa até o povo tirreno. [...] Mais tarde, grandes terremotos e inundações, num único dia e uma noite fatal, todos aqueles que fizeram guerra (contra Atenas) foram engolidos pelas águas. A Ilha de Atlântida desapareceu mar adentro. Desde então o mar nessa área se tornou não navegável; as embarcações não podem passar por lá por causa das areias que lá existem no lugar do sítio da ilha afundada (Critias, *apud* BABCOCK, 2002, p. 15).

A localização da Atlântida feita por Platão concebia um oceano navegável “além das Colunas de Hércules”, e as ilhas mediterrâneas seriam pontos de apoio neste mar interior e conhecido.

Destacamos nesse mito o aspecto da existência de uma terra (ilha) além do Mediterrâneo, onde existiu um reino ameaçador e o seu desaparecimento transformou determinada parte do oceano perigosamente inavegável. Esse perigo ou até mesmo a inavegabilidade do Oceano também se fazia presente no “Pseudo-Scílax” quando fazia referência à ilha mítica de Cerne localizada nas costas africanas do Atlântico. Avienus, a partir da “História Natural” de Plínio o Velho, reproduz a referência de um périplo que teria sido feito por Himilco na mesma época que Hanão. Avienus, na “Ora Marítima”, atribuiu a Himilco a descrição de um oceano repleto de algas num oceano raso. Através das suas águas se viam monstros nadando entre restos de navios naufragados. Ao mesmo tempo, o oceano não tinha limites e a falta de ventos e a escuridão mesmo durante o dia eram as causas dele não ter sido navegado antes (BABCOCK, 2002, p. 27). Aristóteles, discípulo de Platão, seguiu seu mestre na afirmação da pantanosidade do oceano e da escassez de ventos além das colunas (BABCOCK, 2002, p. 29). Há para ele uma grande diferença entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano:

Todo el mar que está dentro de las Columnas de Hércules fluye según la concavidad de la tierra y el número de los ríos: La Meótife fluye hacia el Ponto y este hacia el Egeo. Pero ya todos los otros mares, fuera de ésto, lo hacen de una manera menos clara [...] Em efecto, el Mediterráneo se muestra progresivamente más profundo; el Ponto lo es más que el Egeo, mientras que el de Cerdeña y el Tirreno son los más profundos de todos. El mar exterior a las Columnas es poco profundo debido al limo y carece de vientos ya que está situado como en un hueco (ARISTÓTELES, 1996. p. 71).

Enfim, não houve a cartografia da ilha. Mas as ideias que cercaram o mito se tornaram duradouras séculos adiante.

A Ilha de São Brandão saltou da saga para a forma escrita no século X (em latim) e mais tarde para a Cartografia nos mapas. O Brandão verdadeiro nasceu no século VI, época das peregrinações de monges expulsos da Irlanda e Inglaterra, e a narrativa oral foi construída com certeza nos moldes das sagas gaélicas – *imrama*. As várias versões escritas da *Viagem* posteriormente levaram à crença da existência real de uma ilha paradisíaca próxima ao arquipélago das Canárias. Ela foi se deslocando pelas mãos dos cartógrafos cada vez mais para o Norte do Oceano Atlântico na medida em que avançavam as expedições marítimas, embora no relato ela fosse uma ilha-baleia sobre a qual o santo e seus companheiros se abrigaram (Lemarchand, *apud* BENEDEIT, 1995, p. xii, xiii, xx). No mapa de Hereford (aproximadamente 1275), ela se multiplicou em seis ilhas e presentes como “*Fortunate Insulae sex sunt Insulae Sct Brandani*” (BABCOCK, 2002, p. 39). Nota-se que houve uma superposição com o mito antigo das Ilhas Afortunadas, também localizadas no Oceano Atlântico além das Colunas de Hércules. Repetidamente as ilhas de São Brandão aparecem no mapa portulano de Angelino Dulcert, datado de 1339, no lugar onde existem as Ilhas da Madeira (Madeira, Porto Santo e a

Terrae (In)cognitae
Márcia Siqueira de Carvalho

Deserta) como as "*Insulae Brendani sive puellam*" (BABCOCK, 2002, p. 42). No mapa de Pizigani (1367), há a inscrição "*Ysole detur sommare sey ysole pone + le brandani*", interpretada por Babcock como as ilhas do Sono ou ilhas de São Brandão (BABCOCK, 2002, p. 43).

No mapa de Beccario de 1426, a mesma ilha foi cartografada apresentando o duplo nome São Brandão e Afortunadas – "*Insulle fortunate santi brandany*", atribuída à da Madeira, da mesma maneira nos mapas de Pareto (1455), Benincasa (1482) e do anônimo de Weimar (1424?) (BABCOCK, 2002, p. 45). A atribuição das Ilhas de São Brandão à atual Madeira, entretanto, não foi consensual. No mapa de Bianco (1448), a ilha Terceira dos Açores recebia o nome "*y fortunat de as. Beati blandan*" (BABCOCK, 2002, p. 46). No Globo de Martin Behaim, datado de 1492, ela está localizada bem afastada na direção oeste da ilha de Cabo Verde. A *Antillia*, uma ilha imaginária, tornou-se Antilhas, fazendo uma viagem da imaginação ao real, e isso está presente na cartografia.

Segundo Babcock, o explorador e cientista escandinavo Adolf Nordenskiöld teria se equivocado ao atribuir a presença da ilha em portulanos do século XIV e aponta que eles poderiam ser mapas do século XV na cartografia da *Antillia*:

A menção a essa ilha enorme, que recebeu posteriormente o nome de Antilhas, nos portulanos do século XIV, é atribuída provavelmente por algum navio que foi desviado por uma tempestade na travessia do Atlântico (como aconteceu com um navio espanhol em 1414, de acordo com Behaim), naqueles mapas onde está assinalada, ela deve ser reconhecida como Americana (Nordenskiöld, apud BABCOCK, 2002, p. 144-145).

Mas a sua presença em mapas anteriores – Weimar (1424), Beccario (1426 e 1435), Bianco (1436), Pareto (1455), Roselli (1468), Benincasa

(1482) – já demonstra uma tradição cartográfica de localizá-la num ponto ocidental extremo.

CONCLUSÃO

A história da Cartografia revela uma agradável viagem através da história com algumas incursões na literatura e no imaginário medieval e da Antiguidade através dos périplos e das ilhas que se acreditavam existir. Em torno do nome Brasil há a associação do lugar onde existia a madeira corante com a ilha imaginária das sagas irlandesas, assunto bastante tratado no ano da comemoração dos 500 anos do Descobrimento. Porém, há outras ilhas não tão conhecidas e não menos importantes. Além de apaixonante, o tema deve ser retomado no início deste novo século para que não esqueçamos como os homens pensaram e representaram as terras que conheciam e que viriam a conhecer no futuro. Sim, nesse caso, o mapa precede o território. ☉

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Los Meteorológicos**. Madrid: Alianza, 1996.
- BABCOCK, William H. **Legendary Islands of the Atlantic**: a study in Medieval Geography. Honolulu: University Press of Pacific, 2002.
- BENEDEIT. **El Viaje de San Brandan**. (Trad. de Marie José Lemarchand.) Madrid: Siruela, 1995.
- BOORSTIN, Daniel J. **Los Descubridores**. (Trad. Susana Lijtmaer.) Vol. I. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1997.
- KING, Geoff. **Mapping Reality: an exploration of cultural cartographies**. New York: St. Martin Press, 1996.

Terrae (In)cognitae
Márcia Siqueira de Carvalho

MORENO, Luis A. Garcia; ESPELOSÍN, F. Javier Gómez. **Relatos de Viajes en la Literatura Griega Antigua**. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

ROMM, James S. **The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction**. Princeton: Princeton, 1992.

Submetido em Março de 2013.

Revisado em Abril de 2013.

Aceito em Agosto de 2013.

